

Percebe-se facilmente o eixo de simetria, o ponto central em torno ao qual as duas partes dispõem-se como espelho uma da outra. Trata-se da primeira estrofe da segunda parte, aquela em que surgem, no lugar estratégico e com uma evidência realçada pela rima, a “*mélancolie*” e a “*allégorie*”:

eixo de simetria
do poema

*Paris change! mais rien dans ma mélancolie
N'a bougé! palais neufs, échafaudages, blocs,
Vieux faubourgs, tout pour moi devient allégorie,
Et mes chers souvenirs sont plus lourds que des rocs.*

Acrescentando toda uma dimensão autorreflexiva, esse quarteto faz as vezes de réplica aos versos 7-12 da primeira parte. Os “*chers souvenirs*” são uma versão mais pesada e petrificada do que primeiramente fora “*vu en esprit*”:

*Le vieux Paris n'est plus (la forme d'une ville
Change plus vite, hélas! que le coeur d'un mortel);*

*Je ne vois qu'en esprit tout ce camp de baraques,
Ces tas de chapiteaux ébauchés et de fûts,
Les herbes, les gros blocs verdis par l'eau des flaques,
Et, brillant aux carreaux, le bric-à-brac confus.*

Não é abusivo ler esses versos tendo em mente alguns aspectos fundamentais da experiência melancólica.

Paris muda! Mas nada em minha melancolia/ se mexeu! Palácios novos, andaimos, blocos, // velhos faubourgs, tudo para mim torna-se alegoria, // e minhas caras lembranças são mais pesadas que rochas.

A velha Paris não existe mais (a forma de uma cidade/ muda mais rápido, ai de mim!, que o coração de um mortal); // vejo apenas em espírito aquele campo de barracas, / aqueles amontoados de capitéis esboçados e de colunas, / a relva, os grandes blocos esverdeados pela água das poças/ e, refletido nas janelas, o bricabraque confuso.

O melancólico perde o sentimento de correlação entre seu tempo interior e o movimento das coisas exteriores. Ele se queixa da lentidão do tempo: “*Rien n'égale en longueur les boiteuses journées*” [“Nada iguala em lentidão os dias claudicantes”].¹⁵ Mas muitas vezes o melancólico sente que tarda em responder ao mundo; muitas vezes sente uma espécie de obstáculo que o imobiliza diante do espetáculo exterior que se acelera vertiginosamente: “*Paris change! mais rien dans ma mélancolie/ N'a bougé*”...¹⁶ A assincronia, o andamento desencontrado do “*coeur d'un mortel*” e da “*forme d'une ville*” estão entre as expressões mais poderosas do estado melancólico.

Certamente, é preciso levar em conta aqui as alterações profundas da paisagem urbana parisiense, consequência das transformações sociopolíticas ligadas à ascensão da indústria e da burguesia.¹⁷ Como toda experiência melancólica, a constatação de que “*Paris change*” é acompanhada sub-repticiamente por uma acusação e projeta uma zona de sombra que não escapou à atenção de muitos leitores recentes. As destruições e reconstruções do urbanismo de meados do século XIX, com sua mistura de monumentalismo e função repressiva, serão uma das causas do *spleen* e do sentimento de exílio? Ou serão evocadas porque o sentimento melancólico não descansa enquanto não encontra um objeto sobre o qual exercer seu trabalho, afixando o sentido da perda sobre toda imagem que consinta em oferecer-lhe, em troca, uma justificativa

tempo interior
e exterior,
no melancólico

¹⁵ “Spleen” (LXXVI), OC I, p.73.

¹⁶ Pode-se ler uma expressão semelhante de assincronia, ligada à experiência cinestésica da paralisia, em dois versos admiráveis de “Goût du Néant” (OC I, p.76): “*Et le Temps m'engloutit minute par minute/ Comme la neige immense un corps pris de roideur*” [“E o Tempo me engole minuto a minuto/ como a neve imensa faz a um corpo hirto”].

¹⁷ Essas leituras sociopolíticas devem boa parte de sua inspiração às intuições de Walter Benjamin.

tempo
histórico